



Estudos de Literatura Brasileira
Contemporânea

ISSN: 1518-0158

revistaestudos@gmail.com

Universidade de Brasília
Brasil

Grünnagel, Christian

“No Brasil, mesmo as mulheres são machistas”: entrevista com Bernardo Ajzenberg
Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, núm. 45, enero-junio, 2015, pp. 373-381

Universidade de Brasília

Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323138448021>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

“No Brasil, mesmo as mulheres são machistas”: entrevista com Bernardo Ajzenberg

Por Christian Grünngel¹

O que significa ser homem ou ser mulher para você?

É uma pergunta difícil... Mas eu acredito que ser homem carrega um sentido de visão de mundo um pouco mais estreita, talvez mais focada. E mais defensiva.

Em comparação com a mulher?

Sempre em comparação com a mulher. É difícil explicar o motivo, mas acho que a mentalidade masculina é uma mais recolhida, menos expansiva do que a mentalidade feminina. Ser homem é também, por força da tradição, carregar uma responsabilidade na família e também social – mais requisitada do que a responsabilidade feminina. Claro que isso tudo tem mudado no mundo nos últimos séculos, mas eu acho que, ainda em grande medida, é o que prevalece.

Na sua opinião: Que importância tem ainda o machismo no Brasil atual?

Absolutamente predominante. No Brasil mesmo as mulheres são machistas, grande parte delas. Existe a ideia do predomínio masculino em praticamente todos os campos. Acho que há um atraso muito grande no Brasil em relação a isso, com algumas exceções em grandes centros urbanos.

Depende também da classe social?

Eu acho que isso não depende da classe social. Isso é em todas as classes. O que talvez mude seja o nível de desenvolvimento cultural de algumas camadas da sociedade, muito pequenas, talvez mais cosmopolitas, ou que têm uma formação educacional, cultural, mais privilegiada. Nelas isso

¹ Doutor em letras românicas e professor do Instituto de Filologia Românica da Universidade de Giessen, Giessen, Alemanha. E-mail: christian.gruennagel@romanistik.uni-giessen.de

tem diminuído. Mas é muito minoritário. É um país extremamente machista, o Brasil.

A socióloga australiana R. W. Connell afirma que há vários “projetos” de masculinidade. Ela fala de masculinidade no plural: “masculinidades”. Acha que há também vários tipos de masculinidade no Brasil? Por exemplo, há uma diferença entre a masculinidade de um homem da classe média e a de um homem da periferia ou da favela?

Eu acho que sim, que, dependendo da classe social, a masculinidade se expressa de formas diferentes. Entre os mais pobres, por exemplo, da favela, como você disse, o meio de autoafirmação passa muito pelo predomínio do homem sobre a mulher. Isso é por quê? Porque um homem com poucos recursos financeiros acaba, de alguma forma, buscando na sua masculinidade intrínseca um meio de afirmação baseado na tradição secular. Ele já nasceu “superior” à mulher. Acredito que a masculinidade nas classes sociais mais abastadas tende a se expressar de outra forma. Há uma certa hipocrisia na concepção de igualdade de homem e mulher. Mas essa concepção é combinada com uma masculinidade que se expressa através do poder econômico dentro de uma família, por exemplo. Então eu, como pai de família abastado, expresso a minha superioridade sobre a minha esposa através do poder econômico, ela sendo dependente de mim por esse motivo. É o modelo que predomina.

Sendo um escritor masculino, como você trabalha para criar uma personagem do sexo oposto, feminino? Você percebe que trabalha de uma forma diferente quando cria um personagem masculino?

Sim. Nas minhas obras há personagens femininas, que eu considero fortes. Nos meus romances e especialmente neste livro aqui. Neste livro a personagem feminina chama-se Dorieta, que é uma tradutora. Ela é uma personagem muito forte. Relendo o livro eu vejo que ela é mais forte do que o protagonista, que é masculino. Isso tem a ver um pouco com a minha visão das mulheres, com a minha experiência pessoal. Eu de fato convivi e conheci mulheres muito fortes, no sentido da personalidade, da presença. Mas ao mesmo tempo, além dessa força, elas têm um espírito instintivo na ação, na maneira de falar, menos defensivo e mais expansivo do que os personagens masculinos. A voz

de uma personagem feminina, eu procuro fazer com que reflita evidentemente essa diferença de postura em relação ao mundo, em relação ao outro, no relacionamento. E esse livro de contos tem um texto que foi bem trabalhoso para mim, que é o “Aspirador de pó”. É uma mulher que fala praticamente o tempo todo.

Bem, há um narrador masculino, mas a voz da mulher é muito importante. Tem muito espaço também através da carta dela.

Exatamente. Então escrever essa carta foi uma experiência muito importante para mim. Porque, realmente, eu acredito que ela é uma carta feminina. É muito diferente de escrever uma carta masculina.

E como você julga o estado atual da homossexualidade no Brasil?

Em que aspecto?

No aspecto legal, por exemplo. Se já existe uma aceitação social...

Eu acho que a situação no Brasil é muito complexa. Nas grandes cidades, nas capitais – São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre... – existe uma manifestação muito mais aberta. Os homossexuais, tanto femininos quanto masculinos, se estão se expondo mais nos últimos anos. Mais do que a dez ou quinze anos atrás. Tornaram-se mais visíveis e buscam ser mais visíveis. Há uma certa necessidade compreensível de ostentar essa posição. Em São Paulo é onde se vê isso. Andando na avenida Paulista, que é um lugar simbólico importante, você vê vários casais, algo que você não via alguns anos atrás. Ao mesmo tempo, em um lugar como a avenida Paulista, é onde ocorreram alguns atos de homofobia violentos. Claro, as pessoas homofóbicas vão aonde eles estão para atacá-los. Por exemplo, no Brasil, São Paulo é considerada a cidade com a maior parada gay, e nessa parada não vão só homossexuais. Algumas pessoas vão como simpatizantes. Mas, no interior das famílias isso não é aceito do jeito que pode parecer pela expansão dessa visibilidade pública. Então muitas das pessoas que andam de mãos dadas na avenida Paulista, muitas vezes, não se revelaram dentro de casa. Acho que dentro da família isso ainda é um “problema” forte. Um tabu. Só de dois anos para cá, nas novelas da Globo – que têm evidentemente uma audiência monstruosa e expressam de certa forma o humor da

sociedade, às vezes com atraso –, apareceram personagens homossexuais abertamente assumidos. É um espelho da sociedade média. Na novela *Avenida Brasil*, da Globo, por exemplo, um dos personagens principais é homossexual. Acho que isso é simbolicamente muito importante, expressa uma mudança importante. Mas na verdade, dentro das famílias, como também aparece nessa novela, o preconceito é brutal. Preconceito esse que, eu acredito, é menor nas classes menos favorecidas, entre os pobres.

Qual seria a explicação?

Eu tenho a impressão de que as famílias mais pobres veem isso com um pouco mais de naturalidade. Nas famílias mais ricas é como se elas tivessem algo a perder. Tem um prestígio, uma presença social. A vergonha pública é um problema para elas. Eu acho que as classes menos favorecidas não têm muito a perder. A pessoa homossexual, ali, é algo diferente, mas pode ser divertida. Não é necessariamente algo que depõe contra a família. Eu vejo isso. É um fenômeno interessante.

Sim, é muito curioso, porque parece que o machismo é mais forte na classe baixa. Como é possível essa combinação de um machismo forte e uma tolerância em certa medida da homossexualidade?

Eu acho que pode parecer contraditório, mas não é. O machismo, como eu o enxergo, é um machismo de dominação mental, física e conceitual do homem sobre a mulher. Esse mesmo machismo vê no homossexual uma mulher, não um homossexual. É a maneira como eu entendo que as coisas acontecem. Então, o mesmo grau de superioridade que o homem sente sobre uma mulher, ele sente sobre um homem homossexual. Eu acho que não existe contradição entre esse machismo forte e essa maior liberalidade em relação a um homossexual.

Quer dizer que se tolera mais a homossexualidade masculina, mas como uma forma, digamos, “inferior” da masculinidade?

Exatamente.

Nos estudos de gênero segue-se discutindo sobre a masculinidade e a feminilidade, se são fenômenos naturais ou fenômenos que dependem da

cultura, da sociedade, se são construções culturais e sociais. O que você acha pessoalmente?

Não sou evidentemente especialista nesses estudos, mas já li sobre essa polêmica. Confesso que não tenho uma opinião formada. Vejo estudos mais recentes que procuram atribuir a questão da masculinidade e da feminilidade a algo cultural, apreendido e não natural, algo que se desenvolveu assim mas que poderia ser diferente. Eu tendo a achar que não. Acho que é algo natural. Por outro lado, também separo a masculinidade e a existência de homens e mulheres da sexualidade. Eu acho que o homem e a mulher são diferentes. Agora, se o homem ou a mulher vai desenvolver uma identidade homossexual, ele ou ela não vai deixar de ser um homem ou uma mulher por causa disso. Na minha visão são coisas muito distintas. Acho que você não se torna homossexual, você nasce homossexual. Não quer dizer que você sendo um homossexual masculino você nasça mulher. Acho então que existe uma natureza, que separa os dois gêneros, mas essa natureza não é preta e branca. Ela é complexa, também. Acho que nos animais existe um pouco disso.

Existe também a homossexualidade.

Exatamente. E nem sempre unívoca mas com bissexualidade. Não vejo uma contradição entre a ideia de a natureza humana contemplar o masculino e o feminino e a existência da homossexualidade. Acho que são duas coisas que não se contradizem. Não acho que a homossexualidade seja algo cultural: é um fenômeno natural. Hoje em dia tem uma outra coisa, diferentemente de 50 anos atrás, uma espécie de moda da experimentação. Como há 50 anos os jovens gostavam de experimentar drogas ou coisas novas, acho que hoje existe de forma mais aberta – que não é necessariamente ruim – um certo impulso de experimentação da homossexualidade entre os jovens. Isso é fácil de ver, ao menos nas grandes cidades. Se essas experiências vão transformar a pessoa efetivamente em um homossexual, se isso se manifesta latente, para mim é uma questão da personalidade pessoal, da força da formação, de natureza.

Vamos passar para a segunda parte da entrevista, a parte mais literária. Quanto a este livro de contos Homens com mulheres, acho que é muito forte e impactante para o leitor. Os contos oscilam entre situações do dia a

dia e encontros extremos. Quase sempre opõem homens e mulheres. Por que essa seleção ou ideia de escrever um livro de contos com a temática de homens e mulheres?

Na verdade a minha literatura sempre trata, desde o início, de relações pessoais, com ênfase entre homens e mulheres. Eu não concebi o livro da forma como ele ficou, com esse título. Na verdade eu escrevi os contos naturalmente. Eles tratavam de assuntos de homens com mulheres. Quando vi o conjunto dos contos que eu tinha reunido para compor o livro, percebi que só dois não tinham essa temática. Conversando com a minha editora, nós achamos que, se eu tirasse esses dois contos, todos eles tendo essa temática, a gente conseguiria dar este título para o livro. Ficaria mais interessante. Mas no fundo não foi minha intenção fazer um livro sobre esses temas. É que a minha literatura naturalmente caminha para isso.

Um dos temas recorrentes dos contos é a traição e os ciúmes. Por exemplo, no conto “Coquetéis”.² Que importância têm, segundo seu ponto de vista, valores como a fidelidade e a confiança no Brasil atual? Ou seriam talvez a confiança e a suspeita as condições básicas entre homens e mulheres, conforme os contos?

Acho que esses sentimentos predominam no Brasil, ciúmes, uma certa repulsa à infidelidade. São muito fortes no Brasil. É difícil você ver de verdade, não na fantasia, casais que não têm esse conflito. Isso é uma realidade. Por mais dolorido que isso seja, a dor faz parte da vida, não consigo enxergar um amor sem isso. A relação amorosa é necessariamente conflituosa. Com altos e baixos. O ciúme é uma coisa absolutamente humana. Claro, não estou falando de um ciúme patológico. A necessidade do ciúme, que o seu cônjuge não seja infiel a você, é real. Em casais longevos, de 20 anos ou 30 anos de casamento, essa fidelidade não se expressa necessariamente na questão sexual, do marido ou da mulher fazerem sexo com uma outra pessoa. Aí talvez seja um nível de amor mais maduro, em que muitas vezes a mulher ou o homem tolera ou aceita que o outro tenha um caso com uma outra pessoa, desde que mantenha a mesma força no relacionamento, nesse amor. Acho que existe isso, um amor maduro. O amor maduro é mais tolerante.

² AJZENBERG, Bernardo (2005). *Homens com mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 17-21.

Em um conto com o título “Marcenaria” o leitor se vê confrontado com uma citação de um manual de campanha de artilharia.³ Quer dizer que a relação de homens e mulheres pode se entender frequentemente com essa metáfora muito conhecida da “guerra dos sexos”?

Não tive essa intenção. O que eu quis nesse conto foi criar uma personagem feminina muito forte. Não o vejo como uma guerra, vejo mais como um grito parado no ar. Não necessariamente voltado ao homem, mas um grito lançado no ar.

Nos contos há vários narradores. Os narrados na primeira pessoa, penso que são todos masculinos. Há também narradores na terceira pessoa, oniscientes, por exemplo, na “Marcenaria”. Quando você cria um narrador na terceira pessoa, você tem uma perspectiva neutra em mente, ou segue com uma perspectiva masculina?

Quando escrevo em terceira pessoa, tento me colocar na pele do personagem, não na do autor. Poucas vezes adotei um narrador na terceira pessoa. Procuro que o personagem assuma a terceira pessoa, mesmo sendo narrador. Não sei se os contos aqui aparecem assim muito claramente. Na novela *Goldstein & Camargo* o narrador é esse Camargo, que conta a história do outro. Então o linguajar é apropriado a ele. Eu procuro fazer dessa maneira.

Alguns contos dedicam-se à relação entre brasileiros com estrangeiros, sobretudo europeus. Acho especialmente interessante o conto “O chouriço e as giletes”,⁴ que narra o encontro de um brasileiro e uma mulher aparentemente francesa e loira em Paris. Parece que nesse encontro tudo vai mal desde o começo. Por exemplo, no restaurante o viajante brasileiro vê-se obrigado a comer o chouriço do título – um símbolo de masculinidade –, mas ele não gosta nem um pouco disso. Depois ficamos sabendo que a moça tem um nome masculino, o que é mais um detalhe perturbador. Insinua-se assim que a moça é um moço?

Sim.

³ “‘O papel da artilharia consiste em localizar o inimigo e destruí-lo pela sua potência de fogo, ou neutralizá-lo pela ameaça de destruição’ (Manual de Campanha. Ministério da Guerra, 1949)”, em *Homens com mulheres* (p. 83).

⁴ *Homens com mulheres* (p. 55-60).

Então o narrador do conto, que é um amigo do viajante, fala a respeito dessa confusão de “uma brasileiríssima ilusão de ótica”.⁵ Eu, como não sou brasileiro, me pergunto por que isso seria “brasileiríssimo”? Significa que a confusão dos gêneros no travestismo, por exemplo, forma uma parte essencial da cultura brasileira?

Talvez fosse exagero dizer isso. Mas é fato que no Brasil a exposição e a quantidade de travestis são maiores do que em outros países que eu conheço. Certamente existem travestis no mundo inteiro, mas o Brasil, interessantemente, lida, ao longo do século XX para cá, com figuras travestis que se tornaram públicas e até admiráveis. Não vejo isso em outros países. Não é necessariamente uma característica, mas eu acho que é um traço.

Nos seus contos há também muita violência entre homens e mulheres, também sexual. Um conto narra um caso de pedofilia coletiva com homens e mulheres como agressores. Você diria que há uma diferença entre a violência masculina e aquela que exerce uma mulher?

Não. Tanto as mulheres quanto os homens têm as mesmas condições de exercerem essa violência.

O preconceito diz que o homem é o agressor...

Mas eu não acredito nisso. Existem casos em que as mulheres exercem tanta violência quanto um homem. Para ser bem sincero, um conto em especial, “Pela franja verde”,⁶ foi inspirado em um caso real francês. Escrevi em Paris. Na época, em 2004, teve um escândalo de pedofilia na França. Eu estava passando três meses ali e fiquei muito impactado com esse caso.

Nesse conto (“Pela franja verde”) há uma observadora: a parente da família que observa o que se passa. Parece que ao final ela se envolve também. Sente nojo, mas também sente algo a mais.

Ela se excita. Acho que isso é importante para tornar o conto mais complexo. Ao mesmo tempo que se enoja e quer denunciar aquilo, ela se sente excitada sexualmente. Isso espelha a complexidade das nossas

⁵ *Homens com mulheres* (p. 57).

⁶ *Homens com mulheres* (p. 61-66).

mentes. Nem tudo é preto ou branco, nem o bom e o mau. E esse caso é assim.

Os seus contos confrontam também diferentes classes da sociedade brasileira. Estou pensando especialmente no conto “Verme de metal”, que tem como narrador um homem humilde que se vê confrontado com o luxo exuberante dentro da mansão de uma mulher, chamada Sônia Bueno. Ela é uma aristocrata, com a sua piscina particular, com um cão chamado “Ritz”⁷ etc. Numa sociedade com uma forte tradição patriarcal como a brasileira é comum o homem dominar a mulher. Mas parece que a classe social pode inverter essa hierarquia. Nesse conto o homem da classe mais baixa é dominado pela presença da mulher da classe alta. Você acredita que a riqueza pode destruir ou inverter a dominação masculina na sociedade brasileira?

Não acredito que o poder econômico de uma mulher possa inverter o modelo. O que esse conto mostra, de certa forma, é que muitas vezes o homem, ainda mais quando está envolvido em uma superioridade social por parte da mulher, busca nessa mulher algo como uma mãe. Uma mulher que o domine, o acolha, como uma criança. Nesse conto, é claro que ele queria transar com ela, mas ao mesmo tempo a aura que essa mulher representa para esse homem tem a ver com um certo abandono existencial da parte dele, que ele procura superar se agarrando à atmosfera daquela casa, àquela segurança, à piscina, a uma mulher poderosa. E ele cai do cavalo, como a gente diz. É como mais ou menos eu vejo os relacionamentos. Costumo dizer que os relacionamentos estão sempre à beira de uma ruptura. Sua existência é à beira de uma ruptura. Não existe garantia de que o relacionamento vá continuar. Então é isso, não enxergo isso como uma espécie de metáfora de uma possível inversão.

⁷ “Ritz é nome de hotel, não de cachorro, que loucura é essa?”, em *Homens com mulheres* (p. 36).